

# VERTICE

Revista mensal Junho de 1991 Preço 750\$00 II Série

## Em Questão

### O Surrealismo português

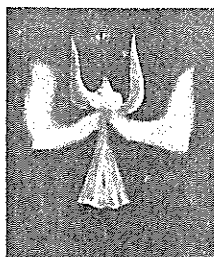
Textos de *Ernesto Sampaio* ▽ *Simplicissimus*  
▽ *Nuno Rosmaninho* ▽ *Cristina Almeida Ribeiro*  
*Maria de Fátima Marinho* ▽ *Fernando Martinho*  
▽ *Eurico Gonçalves*

## Em Estudo

*Finisterra* de Carlos de Oliveira (*Víctor Viçoso*)  
▽ Mas afinal os professores são quadros?  
(*Luís Souta e Teresa Oliveira*) ▽ Notas sobre  
a transição para o socialismo (*Fausto Sorini*)

## Em Movimento

O grito de Medusa (*Fernando Guerreiro*) ▽  
Prémio diferido (*Arquimedes da Silva Santos*) ▽ Identidade  
e diferença na filosofia política e social portuguesa  
contemporânea (*Manuel Dias-Duarte*) ▽ Economia (História, sociedade  
(*João Paulo Avelãs Nunes*) ▽ O conquistador. A história,  
o mito e a História (*Rosa Maria Martelo*)



# O Conquistador

## A história, o mito e a História

### 1. Sebastião e o Desejado

O último livro de Almeida Faria esconde, por detrás da aparente ligeireza que lhe confere o registo utilizado pelo narrador/personagem, uma grande complexidade narrativa, e a sua mais ampla compreensão implica a actualização de um conjunto de referências que ocupam um lugar privilegiado na mitologia cultural portuguesa.

Ao contactar com o universo diegético do romance, rapidamente o leitor se dá conta de que o fio da história se enlaça num fio de História, o qual, por sua vez, se cruza com outro fio narrativo, este de carácter mítico. É esse tecido narrativo que se oferece ao leitor, suscitando uma prática de leitura muito mais activa e mais construtiva do que o livro, à primeira vista, parece sugerir.

É clara a relação analógica existente entre Sebastião/personagem e o rei D. Sebastião. Além da evidência do nome comum, as coincidências são múltiplas, quer no plano de caracterização, quer do ponto de vista diegético e a sua recorrência vai pontuando o texto regularmente. Tal como/rei, Sebastião nasce a 20 de Janeiro (1554 transforma-se em 1954), ou, melhor, é nessa data que, «metido num ovo enorme», é encontrado na praia pelo fa-

roleiro João de Castro. O próprio nome desta personagem alude ao príncipe João, pai de D. Sebastião, assim como a mãe Joana, a avó Catarina, o avô João constituem outras tantas alusões a Joana de Áustria, Catarina de Áustria e D. João III, mãe e avós do rei. Também a caracterização fisionómica de Sebastião é absolutamente coincidente com o célebre retrato do rei por Cristóvão de Moraes, como o narrador/personagem virá a reconhecer durante uma visita ao Museu de Arte Antiga.

Outras vezes, as coincidências entre a história e a História são mais subtis, como acontece com a referência ao casamento da avó Catarina em 1925, na vila do Crato, absolutamente conforme com o casamento real de D. João III com Catarina de Áustria, em 1525, na vila do Crato, precisamente; ou com o ingresso de Sebastião no Liceu Pedro Nunes, cujo nome é o do mestre e tutor do jovem príncipe.

Por conseguinte, *O Conquistador* releva de um processo de transposição para a narrativa ficcional de um conjunto de referências constantes de uma narrativa anterior de carácter histórico, ou seja, constitui um hipertexto, no sentido em que se constrói com base noutra(s) texto(s) sobre o qual (os quais) opera uma transformação (\*). É este processo de transforma-

ção que cumpre esclarecer, pois é ao nível da relação desta narrativa com outras narrativas que se produz a sua maior amplitude de significação.

Os pontos essenciais da narrativa histórica são retomados em *O Conquistador*: a cronologia relativa dos acontecimentos narrados, a construção da personagem e o seu enquadramento contextual são, como vimos, idênticos. Mesmo alguns elementos diegéticos de difícil transposição para uma história situada no século XX são retomados. Veja-se, por exemplo, como a imaginação fantasista do rei, ao ser transposta para a personagem, permite a recuperação, em sonhos, do episódio da batalha de Alcácer-Quibir, ou como a vida na Corte reaparece nas brincadeiras de infância de Sebastião.

Ora o que importa destacar é que a hipertextualidade suscita uma leitura de tipo relacional e que, embora um hipertexto produza autonomamente sentido, o desconhecimento ou a omissão do seu hipotexto acarreta necessariamente um empobrecimento tanto do ponto de vista da significação quanto do ponto de vista estético. De facto, as coincidências que o leitor vai verificando à medida que penetra no universo diegético de *O Conquistador* não constituem um fim em si, mas uma estratégia que deverá conduzir ao aparecimento de

um texto-sombra, face ao qual serão sobretudo significativos não os aspectos coincidentes mas os pontos de divergência na formulação da personagem e no plano diegético, aqueles em que Sebastião se afasta da História e do mito. E como a presença de D. Sebastião traz implícita a referência a um eterno ausente, a figura do mito do Encoberto que veio a protagonizar, o que acontece é que, através da divergência referida, é o sentido da narrativa mítica que se questiona, é o mito que se desarticula e se supera.

### 2. O Desejado e o desejo

O mito sebástico é, como frequentemente tem sido dito, um mito de insatisfação e esperança messiânica. Gerado pela nostalgia de uma grandeza perdida, ele é essencialmente uma figuração do desejo. D. Sebastião é o Desejado, primeiro porque o seu nascimento garante a sucessão dinástica, depois porque o seu regresso do Norte de África garantiria a independência do reino. Quando o tempo trouxe o irremediável reconhecimento da sua morte, continuou a ideia daquele que voltaria envolto em bruma, porque esta ideia permitia a transferência para o futuro da resolução do presente. Mas, curiosamente,

o Desejado do mito sebastianista é, do ponto de vista histórico — e aproveitando a polissemia da palavra num outro sentido — misógino e incapaz de desejo.

É neste ponto que a personagem romanesca diverge amplamente da História e que a construção da personagem se faz sobre a desconstrução da figura histórica e mítica. O Desejado é objecto do desejo, enquanto Sebastião é, sobretudo, um sujeito do desejo: «(...) sendo eu a Reencarnação há séculos aguardada, devia dedicar-me em exclusivo àquilo em que o Outro estrondosamente falhara ao manifestar pelo belo sexo uma aversão extraordinária» (p. 74).

Desde o seu aparecimento ambíguo e messiânico (e não nascimento efectivo) até aos vinte e quatro anos, idade em que Sebastião, tal como o rei, «desaparece», não numa batalha campal mas na serra de Sintra para se debater numa batalha interior de reflexão retrospectiva, à qual corresponderá o tempo da narração, a história progride em função de sucessivos encontros

e desencontros com diferentes mulheres que, também elas, constituem diferentes alusões a outras narrativas, como as sadianas (mas não sádicas) irmãs Justina e Julieta.

A clara preferência de Sebastião pela convivência feminina é apresentada como uma espécie de religião, em contraponto, uma vez mais, com o fanatismo religioso de D. Sebastião: «Sempre que minha mãe me arrastava, em quinzanais domingos, à missa na igreja da Ulgueira, eu lembrava Justina quando o padre entoava "tomai e comei, este é o meu corpo, tomai e bebei, este é o meu sangue". A minha religião era feita dos fluidos e eflúvios, calores e tremores do corpo da professora (...)» (p. 51). Este «apostulado laico», esta «campanha contra a frustração, a tristeza e o desespero nas femininas fileiras» (p. 130), como adiante se dirá invertendo também o pendor bélico de D. Sebastião, corresponde a um percurso de desejo activo em que Sebastião simultaneamente é desejado e deseja, sendo a sua aprendizagem uma caminhada no domínio

do desejo e da sua articulação com o amor e a paixão. «Fiz o que o Outro não fez» (p. 133), conclui o narrador/personagem, sugerindo desta forma que a leitura que *O Conquistador* propõe é, sobretudo, relacional.

E vem a propósito uma última transcrição: «Doutorei que certas mulheres preferem um tipo de homem inatingível, que lhes dê maior margem à fantasia. Por ironia da história, o Rei Virgem passou a ser alvo dos fascínios femininos e, após a sua morte numa derrota ominosa, muito boa gente caíra num masoquismo colectivo que define bem o fraquinho deste país por tudo o que seja fracasso, amadorismo e misticismo de pacotilha» (p. 108). É que, no seu último sonho, Sebastião vê-se rodeado por quatro animais, representando «o sal do desejo», «o pez da nostalgia», «o mercúrio do movimento» e o «enxofre da melancolia». Se é legítimo considerar que o sebastianismo possa ter tido, à partida, todos estes ingredientes, o mito resumiu-se rapidamente a pez e enxofre, nostalgia e

melancolia. Podemos, pois, pensar que a alteração semântica da narrativa histórica neste novo percurso diegético significa uma subversão do mito sebastianista, tanto mais quanto, em termos alquímicos, o enxofre é um princípio masculino enquanto o mercúrio é um princípio feminino.

Como afirma Gérard Genette «não há transposição inocente — (...) que não modifique de uma maneira ou de outra a significação do seu hipotexto»<sup>(2)</sup>. E um dos aspectos mais fascinantes deste livro é, precisamente, a mestria com que um discurso leve, irónico e, por vezes, cheio de humor, conta uma história que, finalmente, é uma meditação extremamente séria acerca de alguns lugares-comuns que é hábito atribuir à cultura portuguesa e cujo peso negativo às vezes cansa e apetece exorcizar.

## NOTAS

(1) Acerca da noção de *hipertexto*, cf. Gérard Genette — *Palimpsestes*, Paris, Editions du Seuil, 1982, pp. 12 e 450 ss., entre outras.

(2) Op. cit., p. 340.